

Nem Todo Viandante Anda Estradas **Da Humanidade como Prática**

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo e Itaú apresentam

36ª Bienal de São Paulo: Nem todo viandante anda estradas / Da humanidade como prática [Not All Travellers Walk Roads / Of Humanity as Practice]

[Imagens para download](#)

Com curadoria geral de Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, 36ª Bienal de São Paulo tem seu título, conceito curatorial, parcerias e identidade visual anunciados, além de informar uma importante alteração em seu período expositivo

São Paulo, 24 out 2024 – A Fundação Bienal de São Paulo anuncia o título, o conceito curatorial, os parceiros e a identidade visual da 36ª Bienal de São Paulo, que acontecerá a partir de setembro de 2025 no Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Intitulada *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática*, a edição será conduzida pelo curador geral Prof. Dr. Bonaventure Soh Bejeng Ndikung com sua equipe de cocuradores composta por Alya Sebti, Anna Roberta Goetz e Thiago de Paula Souza, além da cocuradora at large Keyna Eleison e da consultora de comunicação e estratégia Henriette Gallus. A mostra se inspira no poema enigmático da poeta afro-brasileira Conceição Evaristo, “Da calma e do silêncio”.

A exposição vem acompanhada, ainda, de uma mudança histórica na organização do evento, que tradicionalmente é realizado de setembro a dezembro. A Fundação Bienal tem o prazer de anunciar que a 36ª edição da mostra se estenderá por quatro semanas adicionais, sendo apresentada gratuitamente ao público entre 6 de setembro de 2025 e 11 de janeiro de 2026. A decisão foi tomada pela presidente Andrea Pinheiro e sua Diretoria com o intuito de ampliar ainda mais o alcance da mostra, que poderá ser apreciada por uma quantidade maior de visitantes durante o período de férias escolares.

**36ª Bienal
de São Paulo**

**6.9.2025
–11.1.2026**

***Nem Todo
Viandante
Anda
Estradas***
**Da
Humanidade
como
Prática**

A proposta central dessa Bienal é repensar a humanidade como verbo, uma prática viva, em um mundo que exige reimaginar as relações, as assimetrias e a escuta como bases de convivência a partir de três fragmentos/eixos curatoriais. A metáfora do estuário – local onde diferentes correntes de água se encontram e criam um espaço de coexistência – guia o projeto curatorial, inspirado nas filosofias, paisagens e mitologias brasileiras. Tal conceito reflete a multiplicidade de encontros que marcaram a história do Brasil e propõe que a humanidade se una e se transforme por meio de uma escuta atenta e da negociação entre seres e mundos distintos.

De acordo com o curador geral Prof. Dr. Bonaventure Soh Bejeng Ndikung: “Em uma época em que os seres humanos parecem ter, mais uma vez, perdido contato com o que significa ser humano, em uma época em que a humanidade parece estar perdendo o chão sob seus pés, em uma época de agravamento de crises sociopolíticas, econômicas e ambientais em todo o mundo, parece-nos urgente convidar artistas, acadêmicos, ativistas e outros profissionais da cultura ancorados em uma ampla gama de disciplinas para se juntarem a nós na reformulação do que a humanidade poderia significar e na conjugação da humanidade. Apesar ou por causa de todas essas crises e urgências do passado-presente-futuro, devemos nos dar o privilégio de imaginar outro mundo por meio de outro conceito e prática de humanidade. Portanto, *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática* é um convite para pensar e manifestar a humanidade como um verbo e uma prática, para pensar sobre a humanidade como encontro(s) e negociações sobre a convergência de mundos variados. É um convite para deliberar sobre o desmantelamento de assimetrias como um pré-requisito para a humanidade como prática, assim como essa Bienal nos oferece um convite para colocar a alegria, a beleza e suas poéticas no centro das forças gravitacionais que mantêm nossos mundos em seus eixos... pois a alegria e a beleza são políticas. Este é um convite para imaginar um mundo no qual damos ênfase às nossas humanidades em um momento em que a humanidade está literalmente falhando conosco”.

Nem Todo Viandante Anda Estradas **Da Humanidade como Prática**

Sobre a 36ª edição, Andrea Pinheiro, presidente da Fundação Bienal de São Paulo, comenta: “A Bienal de São Paulo é um patrimônio artístico do Brasil, e essa edição é resultado de um processo coletivo que começou com nosso conselho consultivo, responsável por deliberar e selecionar o projeto curatorial mais alinhado com os desafios contemporâneos. Este ano tivemos a alegria de receber a proposta *Nem todo viandante anda estradas – A humanidade como prática*, proposto por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung. Esse projeto não apenas reafirma o papel da Bienal como espaço de reflexão e diálogo sobre as questões mais urgentes de nosso tempo, mas também demonstra o compromisso institucional da Fundação em promover a produção artística de forma que seja acessível e relevante para os mais diversos públicos. E é justamente com o intuito de atingir o maior número possível de pessoas que ampliamos a duração da mostra em quatro semanas, até janeiro de 2026, para que mais visitantes tenham oportunidade de entrar em contato com a incrível produção artística que a equipe curatorial está reunindo”.

A proposta curatorial

Esta edição da Bienal de São Paulo está estruturada como um projeto de pesquisa que irá se manifestar em três fragmentos/eixos. O primeiro fragmento/eixo curatorial defende reivindicar o espaço e o tempo, busca desacelerar e prestar atenção aos detalhes e outros seres que constituem nosso ambiente. Situando-se dentro do poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo, esse eixo evoca a importância de explorar os mundos submersos que apenas o silêncio da poesia e a escuta poética podem acessar, acolhendo as diferenças e sugerindo uma reconexão com a natureza e suas sutilezas.

No segundo fragmento/eixo, a Bienal convida o público a se ver no reflexo do outro. A proposta é questionar o que vemos quando olhamos para nós mesmos e para os outros, confrontando as barreiras e fronteiras de nossas sociedades. Esse fragmento se baseia no poema “Une conscience en fleur pour autrui”, do poeta haitiano René Depestre, e explora a interconectividade das experiências, propondo uma coexistência mais atenta às necessidades coletivas.

Nem Todo Viandante Anda Estradas **Da Humanidade como Prática**

Por fim, o terceiro fragmento/eixo se debruça sobre os espaços de encontros – como os estuários são espaços de múltiplas convergências, não apenas da água doce com a salgada, mas também o encontro do chamado Novo Mundo com as pessoas escravizadas sequestradas da África. Esse fragmento reflete sobre a colonialidade, suas estruturas de poder e suas ramificações em nossas sociedades atuais. Essa reflexão é baseada no movimento manguebit e em seu manifesto “Caranguejos com cérebro”, entendido como uma representação do cérebro social coletivo. A história do Brasil, marcada pela fusão de povos indígenas, europeus e africanos escravizados, é um microcosmo das assimetrias de poder que ainda persistem. Nesse sentido, a exposição explora como as culturas e as sociedades lidam com essas diferenças e criam novos caminhos de coexistência e beleza, como manifestado em “A beleza intratável do mundo”, de Patrick Chamoiseau e Edouard Glissant.

Convergências globais

Como parte essencial de sua proposta curatorial, a 36ª Bienal de São Paulo contará com as Invocações: encontros com poesia, música, performance e debates que ecoam as ideias centrais da exposição, investigando e compreendendo noções de humanidade em diferentes geografias. A série de encontros é fruto de relacionamento com instituições culturais e precede a realização da mostra paulistana.

O ciclo incluirá conversas, palestras, oficinas e performances em quatro localidades. Os dois primeiros eventos, apresentados ainda em 2024, acontecerão em Marrakech, Marrocos, e Les Abymes, Grande-Terre, Guadalupe. O primeiro encontro se dará no Le18 e na Fondation Dar Bellarj, liderados por Laila Hida e Maha El Madi, enquanto o segundo será realizado em Lafabri’K, liderado por Léna Blou. Em 2025, acontecerão as últimas duas Invocações, em Zanzibar, Tanzânia, e no Japão, em instituições que serão oportunamente anunciadas.

A primeira Invocação, intitulada “Souffles: On Deep Listening and Active Reception” [Souffles: Sobre escuta profunda e recepção ativa], a ser realizada em 14 e 15 de novembro em Marrakech, será uma deliberação sobre três tópicos: a precariedade da respiração, as culturas Gnawa e Sufi, e a escuta como uma prática de coexistência.

A segunda Invocação, intitulada “Bigidi mè pa tonbé!” [Balança mas não cai!], acontecerá entre 5 e 7 de dezembro em Les Abymes, Guadalupe, e refletirá sobre a inteligência do movimento dos corpos entre a ruptura e a adaptação para manter o equilíbrio em movimento em tempos de crise.

**36ª Bienal
de São Paulo**

**6.9.2025
–11.1.2026**

Nem Todo Viandante Anda Estradas Da Humanidade como Prática

A terceira Invocação, que será realizada em fevereiro de 2025, em Zanzibar, recebeu o título “Mawali-Taqsim: Improvisation as a Space and Technology of Humanity” [Mawali-Taqsim: A improvisação como espaço e tecnologia da humanidade]. O encontro se baseia na percepção do taarab não apenas como um ritmo, mas como uma construção de encontros e múltiplas trocas que o território da Tanzânia e o Oceano Índico têm promovido.

A quarta e última Invocação, programada para março de 2025, no Japão, é intitulada “The Uncanny Valley or I’ll Be your Mirror” [O vale da estranheza ou eu serei seu espelho], traz reflexões e encontros sobre as dinâmicas do afeto entre humanos e não humanos, pessoas e máquinas, em um exercício de construção de coexistências, interações, distâncias e proximidades.

Esses encontros funcionarão como afluentes, convergindo para o corpo principal da 36ª Bienal em São Paulo, no Pavilhão Ciccillo Matarazzo.

Outro importante afluente da 36ª Bienal de São Paulo será a Casa do Povo, em São Paulo, um centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória. Ela abrigará um programa de performances desenvolvido por Benjamin Seroussi (diretor artístico da Casa do Povo) e Daniel Blanga Gubbay (diretor artístico do Kunstenfestivaldesarts). Novos afluentes serão anunciados em breve.

Identidade visual

O estúdio berlinense Yukiko, fundado por Michelle Phillips e Johannes Conrad, é o responsável pela identidade visual da 36ª Bienal. Reconhecido por seu estilo experimental, o estúdio traz uma abordagem que dialoga diretamente com o conceito curatorial dessa edição, criando uma experiência visual e gráfica que reforça o papel da escuta e a ideia de confluências a partir da imagem do estuário.

Nem Todo Viandante Anda Estradas **Da Humanidade como Prática**

“O conceito visual da 36ª Bienal de São Paulo é inspirado na ideia de humanidade como prática, enfatizando a interconexão, a empatia e a coexistência criativa. Com base no eixo curatorial do som e do movimento manguebit, a identidade visual é fundamentada em ondas sonoras polifônicas e na série harmônica, simbolizando as frequências sobrepostas das experiências humanas. Essas ondas sonoras representam a ideia de que a humanidade está constantemente evoluindo e se remodelando por meio de encontros, assim como o estuário, onde vários mundos se encontram e se misturam. Essa manifestação visual reforça a mensagem central da Bienal: que por meio da escuta intencional e da reflexão profunda, podemos imaginar a humanidade como uma prática viva e pulsante”, explicam os designers.

Sobre a Fundação Bienal de São Paulo

Fundada em 1962, a Fundação Bienal de São Paulo é uma instituição privada sem fins lucrativos e vinculações político-partidárias ou religiosas, cujas ações visam democratizar o acesso à cultura e estimular o interesse pela criação artística. A Fundação realiza a cada dois anos a Bienal de São Paulo, a maior exposição do hemisfério Sul, e suas mostras itinerantes por diversas cidades do Brasil e do exterior. A instituição é também guardiã de dois patrimônios artísticos e culturais da América Latina: um arquivo histórico de arte moderna e contemporânea referência na América Latina (Arquivo Histórico Wanda Svevo), e o Pavilhão Ciccillo Matarazzo, sede da Fundação, projetado por Oscar Niemeyer e tombado pelo Patrimônio Histórico. Também é responsabilidade da Fundação Bienal de São Paulo a tarefa de idealizar e produzir as representações brasileiras nas Bienais de Veneza de arte e arquitetura, prerrogativa que lhe foi conferida há décadas pelo Governo Federal em reconhecimento à excelência de suas contribuições à cultura do Brasil.

36ª Bienal de São Paulo – *Nem todo viandante anda estradas / Da humanidade como prática [Not All Travellers Walk Roads / Of Humanity as Practice]*

Curador geral: Bonaventure Soh Bejeng Ndikung / Cocuradores: Alya Sebti, Anna Roberta Goetz, Thiago de Paula Souza / Cocuradora at large: Keyna Eleison / Consultora de comunicação e estratégia: Henriette Gallus

6 set 2025 – 11 jan 2026

Pavilhão Ciccillo Matarazzo

Parque Ibirapuera · Portão 3 · São Paulo, SP

O título da 36ª Bienal de São Paulo, "Nem todo viandante anda estradas", é formado por versos da escritora Conceição Evaristo

**36ª Bienal
de São Paulo**

**6.9.2025
–11.1.2026**

Nem Todo Viandante Anda Estradas Da Humanidade como Prática



patrocínio master



Bloomberg

patrocínio

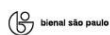


agência oficial

apolo



realização



Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA CULTURA



36ª Bienal de São Paulo

6.9.2025 -11.1.2026